

- Percurso de Lacan: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VIEIRA, Marcus André. Como se ri da angústia? [p. 71-89]. In: BESSET, V. L. (Org.). *Angústia*. São Paulo: Escuta, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O corpo falante e o final da análise*. Seminário da diretoria da EBP-Rio [02 de março de 2015]. Disponível em: <[http://www.litura.com.br/curso\\_repositorio/i\\_o\\_corpo\\_falante\\_e\\_o\\_final\\_da\\_analis\\_1.pdf](http://www.litura.com.br/curso_repositorio/i_o_corpo_falante_e_o_final_da_analis_1.pdf)> Acesso em: 10 de dezembro de 2015.
- WILLIAMS, Meg Harris. *The aesthetic development: The poetic spirit of psychoanalysis*. Londres: Karnac, 2010.
- \_\_\_\_\_. *An introduction to the work and thinking of Donald Meltzer*. Disponível em: <<http://www.artlit.info/pdfs/MeltzerIntro.pdf>> Acesso em: 10 mai 2016.
- \_\_\_\_\_. *Dreaming the session*. Disponível em: <<http://www.artlit.info/pdfs/DreamingSession.pdf>> Acesso em: 29 dez 2015.
- WINNICOTT, Donald Woods. *Obrincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- \_\_\_\_\_. *A família e o desenvolvimento individual*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Da pediatria à psicanálise: Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gesto espontâneo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

**Estanislau Alves da Silva Filho**

Rua Frei Caneca, 1114, apto 22  
CEP 01307-000  
São Paulo - SP  
Tel: (11) 998275920  
stani-asf@hotmail.com

## É possível a transmissão da psicanálise na universidade

LUCIANNE SANT'ANNA DE MENEZES

**RESUMO:** O presente artigo traz reflexões sobre aspectos do 'ensino' e da 'transmissão' da psicanálise na universidade. A transmissão em psicanálise ultrapassa uma simples questão de ensino, tendo em vista que se refere ao saber que advém de uma experiência clínica pessoal, em que a transferência e o inconsciente têm papel fundamental. O cerne do problema parece estar na confusão do estudo da psicanálise com a formação de psicanalista. Partindo de Freud e comentadores contemporâneos, a autora problematiza sua experiência como docente, orientadora de pesquisas psicanalíticas e supervisora de Estágio Profissionalizante no curso de graduação em Psicologia de uma universidade pública, interrogando-se a respeito do método psicanalítico no cenário acadêmico, da inserção do aluno no campo da psicanálise e a possibilidade de sua transmissão pelo trabalho docente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise e universidade; Método psicanalítico; Ensino e transmissão.

### PREÂMBULO

Em 2011 me tornei docente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU). Dentre outras atividades, tenho lecionado 'Psicopatologia Geral II' e 'Teorias e Técnicas Psicoterápicas I (TTP I)', respectivamente, no

Psicóloga e Psicanalista;  
Mestre e Doutora pelo  
Instituto de Psicologia-  
USP; Membro Efetivo do  
Departamento Formação  
em Psicanálise-Instituto  
Sedes Sapientiae; Docente  
do Instituto de Psicologia  
da Universidade Federal  
de Uberlândia-MG

sexto e sétimo períodos deste curso de Psicologia. Ambas as disciplinas psicanalíticas – inclusive na ementa de TTP I consta ‘o método psicanalítico’ –, são obrigatórias e pré-requisitos para o ‘Estágio Profissionalizante de Psicologia Clínica e Social’, em que também atuo como supervisora. Além disso, tenho orientado pesquisas em psicanálise tanto na graduação, por meio de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), quanto na pós-graduação.

Quando um psicanalista ocupa a posição de professor universitário é fundamental o questionamento de alguns aspectos: *É possível ensinar psicanálise na universidade?* Como operar o método psicanalítico no cenário acadêmico? Seria possível sua transmissão pelo trabalho docente?

Essas perguntas têm ocupado meus pensamentos!

A transmissão em psicanálise ultrapassa uma simples questão de ensino, tendo em vista que se refere ao saber que advém de uma experiência clínica pessoal, em que a transferência e o inconsciente têm papel fundamental. Como bem aponta Sigal (2009): “A psicanálise não é o discurso científico que dela fala: ela é a experiência do sujeito com seu inconsciente.” (p.366) Nesse sentido, o cerne do problema parece estar na confusão do estudo da psicanálise com a formação de psicanalista. Uma universidade não forma psicanalistas, pois nossa formação não depende de um currículo acadêmico. Entretanto, a universidade pode favorecer um estudo epistemológico.

O presente artigo procura refletir sobre aspectos do ensino e da transmissão da psicanálise na universidade, em especial, sobre o método psicanalítico, a partir da problematização da minha experiência no IPUFU.

#### “DEVE-SE ENSINAR PSICANÁLISE NAS UNIVERSIDADES?”

Não é ocasional que Freud (1919/2010) pergunta: “Deve-se ensinar psicanálise nas universidades?” Logo no início deste texto, o autor nos adverte de que a questão do ensino da psicanálise na universidade deve ser abalizada de acordo com dois pontos de vista: o da psicanálise e o da universidade, alertando para o erro de se pretender formar analistas no espaço da universidade: a inclusão da psicanálise “no currículo acadêmico seria motivo de satisfação para um psicanalista, mas, ao mesmo tempo, é evidente que ele pode prescindir da

universidade, sem prejuízo para sua formação” (p.378). Isso quer dizer que as instituições psicanalíticas poderiam cumprir as exigências relativas à formação de psicanalista que se baseiam no conhecido tripé da formação: análise pessoal, estudo teórico e clínica supervisionada, em que o conhecimento do seu inconsciente se atualiza na transferência, sendo esta a ferramenta principal do encontro analítico.

Na época em que Freud escreveu o referido texto, procurava marcar a importância da inclusão da psicanálise na formação de médicos e cientistas, enumerando uma série de razões para isso. Destaco o aspecto do método de investigação de processos psíquicos que Freud (1919/2010) marca como próprio da psicanálise, e “não se limita ao âmbito dos distúrbios psíquicos, mas se estende igualmente à resolução de problemas na arte, na filosofia e na religião” (p.380, *grifos nossos*), sendo um curso interessante para alunos de outras áreas como mitologia, história da filosofia e das civilizações. Este aspecto nos remonta para a definição de psicanálise em que Freud (1923) engloba três noções indissociáveis: um método de investigação de processos psíquicos inconscientes; uma técnica de tratamento baseada neste método; e um conhecimento teórico resultante do que este método produz.

As relações destas três vertentes configuram a especificidade epistemológica da psicanálise, no espaço de pesquisa para além do coração da clínica de consultório, como diria Laplanche (1992) no “pensamento extramuros” de Freud, na ideia de que a psicanálise pode se dirigir para *fora-do-tratamento*, não para qualquer lugar, mas num movimento em direção ao cultural. Em “A favor da psicanálise na universidade” Laplanche (2015) relembra que “não é necessário colocar um divã ou realizar consulta na universidade para que a *observação e a experiência* estejam ali presentes com plena legitimidade” (p.211, *grifos nossos*), tendo em vista que a reflexão psicanalítica comporta em combinações diversas, a referência a quatro coordenadas indispensáveis: teórica, clínica, extramuros e histórica, todas baseadas na definição freudiana de psicanálise. Desse modo, quando inserida na universidade, a psicanálise não deve perder de foco seu *método* próprio de investigação.

Hoje, no Brasil, a inclusão da psicanálise na universidade já não é mais uma questão, mas uma realidade inegável e legitimada tendo em vista sua presença marcante nos cursos de Psicologia em disciplinas, pesquisas, extensões e atendimentos em estágios clínicos, além de constar de forma variável nos cursos

de Medicina, Direito, Educação Física e tantos outros. Porém, tal realidade não inviabiliza a discussão a respeito da psicanálise na universidade, tema sobre o qual vários autores contemporâneos têm se debruçado.

### SOBRE O ENSINO E A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE

Retomo o cerne do problema que parece estar na confusão do 'estudo da psicanálise' com a 'formação de psicanalista' e o deslocamento para a questão do 'ensino' e da 'transmissão' da psicanálise, ambos marcados por Freud (1919/2010):

É verdade que este ensino [da psicanálise] só poderia ser ministrado de forma dogmática, em aulas teóricas, pois quase não haveria oportunidade para experimentos ou demonstrações práticas. Para a pesquisa que o professor de psicanálise deverá realizar, bastaria ele ter acesso a um ambulatório com pacientes "neuróticos" (...) cabe considerar a objeção de que dessa forma o estudante de medicina jamais aprenderá realmente a psicanálise. Isso é verdadeiro se pensarmos no efetivo exercício da psicanálise, mas para os propósitos em vista é suficiente que ele aprenda algo sobre e com a psicanálise. (p.381)

Por esta passagem podemos pensar que a ideia de 'ensino', em especial no que toca à teoria psicanalítica, implica em conteúdos e conceitos que são ensinados por uma pessoa (o professor) e aprendidos por outra pessoa (o aluno). Já a ideia de 'transmissão' sugere que não há um conteúdo a ser "ensinado", mas quando a teoria é "transmitida", cada aluno a recebe de modo singular, conforme afetado na sua subjetividade, *na e pela* transferência, na escuta do próprio inconsciente. "A transmissão é uma questão de como cada sujeito se encontra com o desejo diante daquilo que escuta e frente à saída que desencadeia uma entrada para suas perguntas." (CARNEIRO; PINTO, 2009, p.176-7) Dessa forma, a transmissão da psicanálise não pode ser dissociada de uma experiência do inconsciente. A transmissão exige a dimensão clínica. Conforme enfatizam Fontenele; Barreto e Vieira F<sup>o</sup> (2012): "A transmissão envolve, pois, a indissociabilidade entre o tratamento e a aprendizagem de um *savoir faire* com as formações do inconsciente que darão substrato ao *metier* do psicanalista." (p.162)

Se é possível, como indica Freud (1919), que o estudante, no nosso caso de

psicologia, possa aprender algo *sobre* a psicanálise e *com* a psicanálise, podemos pensar que para alguns alunos poderá ocorrer o ensino, assim como para outros, a transmissão. Se um aluno for capturado pela teoria, ele pode se interessar pela psicanálise e desejar saber mais de sua transmissão. Esta tem sido minha experiência no ensino e transmissão da psicanálise no IPUFU, em especial no lugar de supervisora.

Poder acompanhar o aluno do 6<sup>o</sup> ao 10<sup>o</sup> período é muito interessante. Há alunos que são fisgados em algum momento pela psicanálise e desejam saber mais sobre ela. Muitas vezes acontece na disciplina de 'Psicopatologia Geral II' (6<sup>o</sup> período), quando trabalhamos a psicopatologia psicanalítica, em especial, por meio de casos clínicos e dos 'grandes casos' de Freud, de modo que possamos avançar a prática e a teoria, esclarecendo a posição subjetiva em jogo. Os casos clínicos de Freud significam a construção de um recorte que ele fez dos aspectos mais importantes da relação analítica. Em vista disso, a exposição de um caso clínico, daquilo o que ocorreu em uma experiência analítica, é, na realidade, a transmissão da pesquisa psicanalítica, isto é, da psicanálise. A construção de um caso é considerada, portanto, um trabalho de pesquisa. De modo geral, um caso se oferece como princípio para discutir os manejos técnicos utilizados na condução do tratamento em adequação ao método psicanalítico, servindo de experiência para outras pessoas que participam deste processo. E é isso que procuro transmitir em 'Teorias e Técnicas Psicoterápicas I' (7<sup>o</sup> período), com relação ao método psicanalítico: a escuta analítica em operação.

Nasio (2001) diz que o que diferencia o relato de um caso de um texto didático é a sua particularidade de transmitir a teoria. Para o autor, a função didática de um caso é

...transmitir a psicanálise por intermédio da imagem, ou, mais exatamente, por intermédio da disposição em imagens de uma situação clínica, o que favorece a empatia do leitor e o introduz sutilmente no universo abstrato dos conceitos. (p.12)

Por isso, no meu planejamento das atividades tanto em 'Psicopatologia Geral II' quanto em 'Teorias e Técnicas Psicoterápicas I', procuro mostrar a complexidade envolvida no sofrimento psíquico das pessoas, que o ser humano é um ser

*phático*, que só existe em relação, necessitando ser compreendido em suas diversas faces pelos profissionais que se dedicam ao seu tratamento. Exponho os conteúdos teóricos e as experiências clínicas relativas a estes conteúdos de modo a abarcar as dimensões tópica, dinâmica e econômica dos fenômenos psíquicos, tal como devemos considerar a fenomenologia das experiências clínicas e diagnósticas com a dimensão estrutural do sujeito.

Preocupo-me em elaborar estratégias de trabalho que busquem criar espaços que favoreçam a empatia dos estudantes, gerando oportunidades para que eles se deparem com elementos relativos à experiência clínica e com as manifestações do inconsciente que se apresentam na nossa cultura, nas artes, no trabalho e no cotidiano dos sujeitos. Por exemplo, coordeno, há quatro anos, o projeto de extensão “Escuta”, que tem a proposta geral de proporcionar ao aluno uma proximidade com o método psicanalítico, por meio do exercício da escuta no ‘acolhimento’, procurando diminuir a distância entre o estudo teórico e a prática clínica. O ‘acolhimento’ é a porta de entrada na Clínica Psicológica (CLIPS) do IPUFU, em que o paciente é atendido por um estagiário que escuta sua história, num processo de 3 a 5 encontros, com a finalidade de estabelecer um encaminhamento adequado para ele. Participam deste projeto alunos do 4º, 5º, 6º e 7º períodos, portanto, ainda não realizaram nenhum atendimento clínico, bem como, para grande maioria, é o primeiro contato com a CLIPS. Criamos dois grupos de atendimento com observação em sala de espelho (5 alunos por grupo), de modo que um dos alunos conduz o acolhimento (processo clínico) e o restante do grupo observa este atendimento comigo na sala de espelho. No início do primeiro atendimento o paciente é informado do ‘espelho’, podendo escolher participar ou não deste processo. Antes do primeiro atendimento, os alunos fazem dramatizações de vivências de situações de experiência psicanalítica por meio da técnica de *role-playing*, além de leituras e discussões de textos pertinentes ao tema. Quando iniciamos os acolhimentos, fazemos supervisões a cada atendimento e ao final juntamos os dois grupos para que um apresente ao outro o caso atendido, as reflexões geradas, expressões do inconsciente, aspectos transferenciais, uma hipótese diagnóstica, assim como cada aluno conta, no grupo, como foi a sua experiência neste projeto, e também deixa por escrito para mim. Os depoimentos são belíssimos. Como ilustração segue, abaixo, o fragmento dos escritos de uma aluna do 7º período que atendeu seu primeiro paciente:

Acredito na importância dessa experiência no sentido de ter “ampliado” minha compreensão teórica sobre a psicanálise. Coloco entre aspas, pois não sei se exatamente se trata de uma ampliação ou mesmo uma colaboração. Especialmente, quando vivenciei a transferência e também as articulações teóricas do caso, foi como se eu constatasse com meu próprio corpo o quanto a teoria faz sentido para mim e o quanto é que as coisas realmente acontecem. Apesar de fazer análise, eu penso que o lugar de psicoterapeuta me fez atentar para questões que sendo analisada eu não percebia. Por exemplo, o quanto os sentimentos e afetações [do terapeuta] são fatores importantes para a compreensão de uma sessão e do caso, uma vez que eles contam desses efeitos transferências vivenciados. Apesar das leituras trazerem tal entendimento, eu só pude realmente compreender o que significava após essa experiência. Outra questão, que me pareceu muito difícil de realizar, mas que me ajudou a pensar e compreender melhor a teoria, diz respeito à escuta analítica. O como estar nesse lugar de psicoterapeuta, como escutar, o foco desta escuta, como intervir, são questões que permeiam a escuta analítica e que percebo, que demandam não só um profundo conhecimento teórico, mas também experiência prática, e experiência de análise que possibilitem o afinamento dessa “arte”.

É inegável que esta aluna aprendeu ‘algo *sobre e com* a psicanálise’. E, no meu olhar, aqui houve transmissão. Esta aluna terminou o curso de psicologia há três anos, continuando sua prática clínica em consultório, e há um ano está em uma instituição de formação de psicanalistas.

Quando nos restringimos às salas de aula e à comunicação teórica, corremos o risco de criar um ensino teórico e superficial, que distorce a densidade de um processo clínico psicanalítico, o que pode levar ao desinteresse por este trabalho, abrindo um espaço para práticas puramente intelectuais. A transmissão apoiada na prática clínica transita da teoria para experiência e da experiência para teoria, sendo banhada pela subjetividade do aprendiz. Nesse sentido, é fundamental aproximar o aluno da prática clínica, por meio dos espaços de atendimento, observação, discussão e supervisão. A prática de observação, em especial, é um recurso didático que permite ao estudante a possibilidade de “reconhecer” as manifestações do inconsciente, assim como a apreensão das sutilezas próprias à escuta psicanalítica.

Com este recurso espero despertar os alunos para a existência das relações intersubjetivas e dos aspectos que apontam para significações ligadas ao infantil, que se revelam nesta experiência.

Por conseguinte, aqueles alunos tocados pelo inconsciente, verbalizam que o que antes eles não entendiam agora faz todo sentido e que, para eles, o método singular da psicanálise é o melhor meio de entendimento do psiquismo. Aqui está o ganho, que Freud (1919/2010) aponta, que a universidade pode ter “com a inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo” (p.381). Destes alunos, muitos começam sua análise pessoal neste momento, do mesmo jeito que outros que já estavam em análise reconhecem o método nas suas experiências analíticas. Vários começam a buscar seminários complementares em instituições psicanalíticas.

#### O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA: O MÉTODO PSICANALÍTICO NO CENÁRIO ACADÊMICO

Nessa esteira, o aluno que deseja saber mais sobre a transmissão da psicanálise espera ansiosamente pelo ‘Estágio Profissionalizante de Psicologia Clínica e Social’ (8º, 9º e 10º períodos), aqueles que têm como base a clínica psicanalítica. Assim, na medida em que pode ocorrer uma transferência do aluno com o professor que ocupa, ali, um lugar determinado alusivo ao discurso psicanalítico, há uma possibilidade de que este discurso possa vigorar no contexto da universidade. Como ressalta Rosa (2001):

No ensino da teoria psicanalítica, a ênfase no debate teórico pode dar-lhe um caráter de plenitude, a impressão de ser capaz de resolver todas as questões; pode confundir e reforçar as defesas em relação ao próprio inconsciente. A transmissão, por sua vez, opõe o saber e a verdade; o saber como o que se deve superar rumo à verdade própria.

A Psicanálise se organiza e produz conceitos justamente em torno da impossibilidade de um enunciado ser completo, exaustivo; em torno de um *mais* não-dito no enunciado, mas presente e atuante para o sujeito em suas relações. A Psicanálise surge da observação de que o enunciado não contém todo o dito e, a partir dessa ideia, são construídos seus conceitos fundamentais, entre eles os de inconsciente e transferência, engendrando teoria e prática. (p.191)

O supervisor, então, tem que suportar responder de um lugar que o saber não informa nada, sustentado por uma ética que inclui esta dimensão do impossível, e não por uma técnica que se presta a obturá-la. Aí se encontra o que há de singular e mais radical na psicanálise, em relação à ‘clínica do estágio’: o desejo de que o estagiário encontre algo desta ordem na sua prática. É esta possibilidade de transmissão que faz com que nos incluamos nela como supervisores, no lugar de um suposto-saber, portador do saber a respeito de como fazer um trabalho clínico. Só assim penso, seria possível marcar um início na trajetória do supervisionando em direção à formação psicanalítica, que tenha a função de sustentação do trabalho clínico dos estagiários iniciantes. Já tive esta experiência com vários alunos, a ponto de alguns alunos, depois de formados em psicologia e com a clínica de consultório em andamento, ingressarem em instituições psicanalíticas para sua trajetória de formação, a exemplo da aluna cita anteriormente.

Embora a clínica do estágio, realizada na clínica escola (CLIPS), não seja uma instituição psicanalítica e tampouco ofereça a formação analítica, nas supervisões de sessões, nas apresentações de material clínico (os casos, vinhetas e recortes clínicos), o terapeuta-estagiário se dá conta, de algum modo, do teor analítico de seus atos e aqueles que ‘escutam’ podem atestá-lo. Submeter-se à psicanálise é uma questão do desejo de cada um e não uma obrigação ou imposição que se possa fazer a um aluno. É neste ponto que o Estágio difere de TTP I, porque mesmo o estágio sendo uma exigência curricular, o discente pode escolher o enfoque teórico desta prática, diferente de TTP I, que é o ensino do método psicanalítico, disciplina obrigatória para qualquer aluno que quiser estagiar na clínica, independentemente de sua base teórica, por exemplo, psicologia comportamental.

É importante ressaltar que a prática clínica dos estágios que supervisionamos está necessariamente associada a condições que não dizem respeito à prática da psicanálise, como: a obrigatoriedade da frequência à supervisão; a necessidade de uma nota para finalidade de aprovação; ou mesmo o encerramento do caso pela finalização do estágio. Tais condições podem fazer com que a prática clínica corra o risco de perder-se na lógica da formação acadêmica, independentemente do modo como atue o supervisor. São aspectos que não podemos perder de vista na operação do método psicanalítico no cenário acadêmico.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para finalizar, a partir da minha experiência no IPUFU, posso com tranquilidade afirmar, que mesmo na universidade, a psicanálise não pode perder de foco o seu método particular de investigação, seu método de pesquisa do psiquismo, baseado na transferência e na singularidade do caso, e que criará condições de possibilidade para questionamentos e inferências por parte dos alunos, de maneira que apenas a leitura de textos “didáticos” não conseguiria. Como bem sintetiza Loffredo (2012):

A questão de que se trata é de como viabilizar a *extensão* do saber psicanalítico para onde uma demanda de escuta se apresenta, de modo a que seu método seja convocado, o que envolve pesquisa, necessariamente, no plano da elasticidade da técnica e da plasticidade do *setting*. (p.220)

Desse modo, é fazendo relevo à subjetividade e referência à clínica que a transmissão da psicanálise pode ser pretendida na universidade.

*Is it possible to transmit psychoanalysis in the university?*

**ABSTRACT:** *This article reflects on aspects of the 'teaching' and the 'transmission' of psychoanalysis in the university. The transmission in psychoanalysis goes beyond a simple question of teaching, since it refers to the knowledge that comes from a personal clinical experience, in which the transference and the unconscious play a fundamental role. The heart of the problem seems to lie in the confusion of the study of psychoanalysis with the formation of a psychoanalyst. From Freud and contemporary commentators, the author problematizes her experience as a teacher, advisor of psychoanalytic researches and supervisor of Professional Internship in the undergraduate course in Psychology of a public university, questioning about the psychoanalytic method in the academic setting, the insertion of the student in the field of psychoanalysis and the possibility of its transmission by the teaching work.*

**KEYWORDS:** *Psychoanalysis and university; Psychoanalytic method; Teaching and transmission.*

**REFERÊNCIAS**

- CARNEIRO, H. F.; PINTO, P. J. C. A transmissão da psicanálise na universidade a partir de casos clínicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.15, n.3, p.172-88, agosto 2009.
- FONTENELE, L.; BARRETO, C. M. E.; VIEIRA F<sup>o</sup>, M. F. Alcances e limites da transmissão da psicanálise na universidade: Reflexões a partir das ações desenvolvidas pelo laboratório de psicanálise da UFC. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.2, n.2, p.161-6, julho/dezembro 2012.
- FREUD, S. (1919) Deve-se ensinar psicanálise nas universidades? In: SOUZA, P. C. (Trad.) *Obras Completas*. São Paulo: Companhia da Letras, v.14, 2010, p.377-81.
- (1923) Dois verbetes de enciclopédia, v.18.
- LAPLANCHE, J. Introdução. In: *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.1-17.
- \_\_\_\_\_. A favor da psicanálise na universidade. In: *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano 2000-2006*. Porto Alegre: DUBLINENSE, 2015, p.207-12.
- LOFFREDO, A. M. Transmissão da psicanálise e universidade. *Jornal de Psicanálise*, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, v.45, n.82, p.211-22, 2012.
- NASIO, J.-D. O que é um caso? In: *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p.9-22.
- ROSA, M. D. Psicanálise na universidade: Considerações sobre o ensino de psicanálise nos cursos de psicologia. *Psicologia USP* [on line], São Paulo, v.12, n.2, 2001, p.189-199, Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 agosto de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642001000200016>.
- SIGAL, A. M. Entre ensinar psicanálise e formar psicanalistas. In: *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Cortez, 2009, p.361-370.

**Lucianne Sant’Anna de Menezes**

Instituto de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
Av. Pará n. 1720 - Bloco 2C  
Campus Umuarama  
Cep: 38405-320  
Uberlândia - MG  
Telefone: (34) 992029093  
E-mail: lucianne.menezes@ufu.br

## Histórias narradas no encontro analítico: Um elogio às construções em análise

TALITA CRISTINA SOMENSI DIAS

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo o estudo e compreensão do conceito técnico de construção em análise proposto por Freud em 1937, além de compreender a utilização deste conceito a partir do pensamento de Melanie Klein e alguns de seus seguidores. Trata-se de um recorte teórico de trabalho de monografia realizado para conclusão do Curso de Formação em Psicanálise, que além de se propor a estudar parte da teoria da técnica psicanalítica é uma tentativa de uma elaboração pessoal dos conceitos pesquisados, sempre alicerçado sobre as dificuldades e inquietações do fazer clínico cotidiano. A construção, enquanto recurso técnico do psicanalista, permite o estabelecimento de ligações entre as emoções do passado e do presente. A principal razão para sua utilização é permitir que o paciente adquira um sentido de continuidade da vida e individualidade. Apesar de Klein considerar a transferência mais central do que Freud, ela também pensava que o analista deveria ligar o presente com fantasias e com a realidade do passado lembrado. Passado este que não é apenas o passado de fatos concretos, mas o passado vivido sob o colorido das projeções e fantasias, ou seja, o passado fantasiado. Neste sentido, o psicanalista narra uma verdade subjetiva, sempre envolvido pela relação transferencial (e contratransferencial), matéria-prima a partir da qual emergem as construções que auxiliam o paciente a contar uma história para seu mundo interno. O psicanalista se torna com isso o acompanhante narrador, que ao construir em análise e narrar histórias para a dor psíquica do paciente (conarração) contribui para o fortalecimento do ego, em busca da integração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Construção em análise; Técnica psicanalítica; Freud; Klein; Psicanalista acompanhante narrador.

Psicanalista e  
Psicóloga. Membro  
do Departamento  
Formação em Psicanálise  
do Instituto Sedes  
Sapientiae. Professora  
do curso de Psicologia da  
Universidade Guarulhos  
- UNG. Especialista em  
Psicologia Clínica pelo  
Conselho Regional  
de Psicologia - CRP